

ECO, Umberto. *O Nome da rosa*. Trad. de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1983, 562 p.

A primeira dificuldade em comentar este texto de Eco é sua inserção ou caracterização dentro de algum gênero literário: Trata-se de um romance? É um texto sobre semiologia? Mostra-nos um afresco medieval? Qual é o tema do livro?

A resposta é difícil, pois trata-se de um romance sem heróis, onde o personagem é o mistério das significações e seu poder.

Como diz Luis Alberto Warat, é um romance sobre o segredo, como a outra cara da verdade. Dentro da polifonia significativa do Nome da Rosa é possível destacar uma forte tensão entre a ciência e suas verdades e o jogo lúdico da vida.

Saber. Poder. Segredo. Ideologia. Verdade. Signo. Riso. Prazer. Panóptico. Universidade. São idéias a partir das quais podemos reencontrar-nos, no mundo de hoje, como nossa auto-consciência de todas as formas do dogmatismo instituído que nos “albergam” e nos “algemam”.

Neste romance, Eco traz uma discussão transcendente aos nossos dias — a repressão do desejo, do riso e do lúdico. O riso como forma de desestabilização da verdade e incentivo à dúvida.

A abadia como centro da produção do conhecimento da Idade Média, com sua biblioteca-labirinto e “monges-custódios”, encena dramaticamente a Universidade de hoje, onde a relação professor-aluno atualiza a relação abade-monge.

Semiologicamente, “Nome da Rosa” simboliza a função panóptica das palavras, o controle disciplinar do corpo pelo significado. Abadia, hospitais, universidades, fábricas, quartéis, parti-dos políticos, lugares todos que Eco despreza sem nomear.

O que é a verdade? Ela existe? É possível? Há uma polêmica em torno da verdade no Nome da Rosa. É uma questão que aflige a humanidade há séculos. No romance de Eco ela aparece como sendo a “adequação entre a coisa e o intelecto”. Devemos buscar a verdade? A resposta pode ser encontrada na obra: “... a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade”.

O problema da linguagem e dos signos no Nome da Rosa aproxima-se da visão de Mikhail Bakhtin. Todo signo está sujeito

aos critérios de avaliação ideológica. Um signo não existe apenas como parte da realidade. Ele também reflete e retrata uma outra.

Umberto Eco nos convida em *O Nome da Rosa* a um exaustivo e proveitoso debate. É uma obra aberta. O leitor pode se insurgir. Produzir. Refletir. Retrata um passado, ressonante no presente e transcendente ao futuro. A “Rosa” é eterna.

Finalizando, me apraz registrar o valor didático desta obra. No curso de Mestrado em Direito da UFSC, na disciplina de Teoria da Argumentação Jurídica, ministrada pelo Professor Luis Alberto Warat, fizemos uma experiência de leitura coletiva de *O Nome da Rosa*, que nos permitiu comprovar a enorme riqueza didática deste livro.

Lênio Luiz Streck
Mestrando do CPGD/UFSC